temor, entre os agentes econômicos ligados à atividade, de que os consumidores brasileiros viessem a dar preferência aos vinhos dos países vizinhos, vale dizer, argentinos, pela mera curiosidade de degustação de um produto importado, ignorando os notáveis ganhos de qualidade que a vinicultura brasileira registrou nos últimos anos. Considerando-se que as exportações argentinas não se notabilizam pela qualidade, a preocupação faz sentido.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

CARNES

Os vilões da inflação?

No último inverno, época da entressafra de carne bovina, os preços desta e do frango tiraram o sono das autoridades econômicas e assustaram os consumidores, principalmente a partir de meados de outubro. Porém, a comparação dos preços médios reais praticados nos meses de julho a outubro, quando normalmente são mais intensos os efeitos dessa menor oferta, leva a constatações surpreendentes: os valores praticados nesses meses foram os menores desde 1980.

Passados os primeiros meses da implantação do Plano Real, o governo enfrentou dificuldades típicas da época de entressafra agropecuária, no que diz respeito ao abastecimento e aos preços de alguns produtos. Grande destaque foi dado à carne bovina e, por tabela, ao frango, devido aos seus elevados pesos na composição dos índices inflacionários. No caso, o efeito adverso causado pela prolongada seca no Centro-Sul do país, sentido desde o início do segundo semestre até fins de outubro, acentuou os matizes dessa tendência sazonal.

A cada inverno repete-se o quadro de desabastecimento da carne de boi, conseqüência perversa do fato de o gado de corte brasileiro ser criado principalmente de forma extensiva. Assim, a curva de preços reais recebidos pela arroba do boi gordo em geral se eleva anualmente a partir de maio/junho. Cai, após novembro, quando a normalização do período de chuvas leva à recuperação dos pastos, aumentando a oferta do animal para abate.

Por seu turno, a avicultura de corte tradicionalmente aproveita essa fase de aumento dos preços da carne vermelha para recompor suas margens.

Tabela 1
São Paulo — boi gordo (BG), carne bovina no varejo (CB)
Preços mensais reais recebidos — jan./out. 1994
(atualizados pelo IGP-DI para out. 1994)

Meses	BG (R$/kg)	CB (R$/kg)	CB/BG
janeiro	1,91	3,38	1,77
fevereiro	1,87	3,02	1,61
março	1,88	3,16	1,68
abril	1,71	3,17	1,85
maio	1,52	2,88	1,89
junho	1,85	4,19	2,26
julho	1,58	3,49	2,21
agosto	1,65	3,15	1,91
setembro	1,64	3,22	1,96
outubro	2,02	3,70	1,83

Fontes: FGV/CEA, IEA/SP.

Portanto não é de admirar que, desde agosto, os preços do boi gordo tenham ascendido, a despeito das tentativas retóricas do governo visando a reverter essa tendência. Afinal, entressafra é incompatível com preços estáveis ou em queda, a não ser que o único antídoto, representado pelas importações, seja acionado com a devida antecipação para internalizar o produto.

Tabela 2
São Paulo — boi gordo (BG), carne bovina no varejo (CB)
Preços recebidos (R$/kg) — médias reais
de julho a outubro — 1980 a 1994
(atualizadas pelo IGP-DI para out. 1994)

Anos	BG (R$/kg)	CB (R$/kg)	CB/BG
1980	3,82	6,27	1,64
1981	2,58	4,84	1,88
1982	2,50	4,95	1,98
1983	3,17	5,82	1,84
1984	3,39	5,42	1,60
1985	2,89	4,95	1,71
1986[a]	3,03	4,12	1,36
1987	2,60	4,43	1,70
1988	2,33	3,87	1,66
1989	2,30	3,91	1,70
1990	2,17	4,04	1,86
1991	2,08	3,80	1,83
1992	1,90	3,34	1,76
1993	2,02	3,24	1,60
1994	1,67	3,28	1,96

Fontes: FGV/CEA, IEA/SP.
[a] Julho/agosto/outubro.

Além do mais, a cada plano econômico tradicionalmente observam-se ações especulativas por parte daqueles que detêm estoques não-perecíveis, dando origem a apostas num eventual fracasso das medidas determinadas pelo governo.

No entanto, cabe a pergunta: até que ponto a pressão dos preços das carnes sobre a inflação derivou de uma real especulação orquestrada pelos criadores? Afinal, na ponta do varejo, acumularam-se queixas quanto à intensidade dos aumentos dos preços de ambos os produtos. O sentimento do consumidor final foi de que os limites considerados *aceitáveis* para uma tendência histórica teriam sido rompidos, caracterizando uma forte especulação nos balcões varejistas.

Confrontando-se os preços mensais reais do boi gordo recebidos pelos criadores no estado de São Paulo ao lon-

Tabela 3
São Paulo — frango vivo (FV), frango limpo no varejo (FL)
Preços mensais reais recebidos (R$/kg) — jan./out. 1994
(atualizados pelo IGP-DI para out. 1994)

Meses	FV (R$/kg)	FL (R$/kg)	FL/FV
janeiro	0,73	1,51	2,07
fevereiro	0,74	1,37	1,85
março	0,75	1,46	1,95
abril	0,69	1,43	2,07
maio	0,69	1,40	2,03
junho	0,66	1,38	2,09
julho	0,67	1,45	2,16
agosto	0,63	1,35	2,14
setembro	0,64	1,31	2,05
outubro	0,75	1,48	1,97

Fontes: FGV/CEA, IEA/SP.

go dos 10 primeiros meses do presente ano, observa-se que, em plena entressafra (ou seja, nos meses de julho a outubro), sua média foi 4% menor do que aquela referente ao primeiro semestre (ver tabela 1).

Além do mais, também é verdade que o nível atingido pelo preço do boi gordo de julho a outubro de 1994 foi o menor desde 1980, enquanto o da carne bovina praticamente igualou-se ao recorde baixista registrado em 1993 (ver tabela 2). De fato, as médias do preço do boi gordo e da carne bovina no varejo, para o quadrimestre relativo a 1994, foram respectivamente 37% e 27% menores do que as médias do mesmo quadrimestre para os 14 anos precedentes.

Por outro lado, confrontando-se os preços do boi gordo com os preços médios mensais da carne bovina no varejo da cidade de São Paulo ao longo de 1994, houve uma clara tendência ao aumento da relação a partir de abril (ver tabela 1). O aguçamento deu-se em junho e julho — meses em que o preço no varejo representou mais do que o dobro da cotação do boi — cedendo em seguida.

Tabela 4
São Paulo — frango vivo (FV), frango limpo no varejo(FL)
Preços recebidos (R$/kg) — médias reais de
julho a outubro — 1980 a 1994
(atualizadas pelo IGP-DI para out. 1994)

Anos	FV (R$/kg)	FL (R$/kg)	FL/FV
1980	1,48	2,99	2,02
1981	1,38	2,74	1,99
1982	1,11	2,26	2,04
1983	1,38	3,03	2,20
1984	1,56	2,80	1,79
1985	1,64	2,90	1,77
1986[a]	1,74	2,67	1,53
1987	1,13	1,91	1,69
1988	1,17	2,23	1,91
1989	1,06	2,16	2,04
1990	1,08	2,36	2,19
1991	0,79	1,57	1,99
1992	0,74	1,57	2,12
1993	0,80	1,52	1,90
1994	0,65	1,35	2,08

Fontes: FGV/CEA, IEA/SP.
[a] Julho/agosto/outubro.

Para que se possa avaliar até que ponto esses quocientes inserem-se ou não dentro de uma *normalidade*, selecionaram-se as médias dos mesmos preços para os meses de julho a outubro de todos os anos desde 1980 (ver tabela 2). O resultado é que a relação de preços carne bovina/boi gordo de julho a outubro de 1994, da ordem de 1,96, foi 14% superior à média de 1,72 para o período julho-outubro dos 14 anos precedentes. Uma vez que praticamente igualou-se ao patamar referente ao quadrimestre de 1982, ambos os valores foram, portanto, os recordes da margem de comercialização varejista nos últimos 15 anos.

Ou seja, embora os preços absolutos tanto da carne no varejo quanto o da arroba do boi ao produtor, entre julho e outubro últimos, tenham sido os mais baixos, em termos reais, desde o início da década passada, no atual exercício houve uma recomposição da margem varejista que não se via desde 1982. Fica explicado, portanto, que estavam totalmente equivocados os ataques governamentais aos bovinocultores, caracterizando-os como os culpados pelo aumento dos preços finais da carne na atual entressafra. Aparentemente não se deu a devida atenção ao controle da margem varejista, causa primária da volatilidade registrada junto aos índices inflacionários no período.

Quanto à carne avícola, a situação é um pouco diferente. Desde janeiro, a margem varejista mensal pouco oscilou, à exceção dos meses de junho a agosto (ver tabela 3). Já na comparação dos resultados quadrimestrais desde 1980, a relação entre os preços do varejo e ao produtor foi, em 1994, menor do que as de 1983, 1990 e 1992, embora tenha suplantado em 7,2% a média do período 1980-94 (ver tabela 4).

Por seu turno, os níveis dos preços reais da carne avícola, tanto ao produtor quanto ao consumidor, atingiram, no quadrimestre julho-outubro de 1994, os níveis mais baixos desde o início da década passada (ver tabela 4).

De fato, se as autoridades governamentais temem que uma maior procura pela carne avícola possa incrementar a inflação, por sua vez o setor produtivo não pode ser acusado de colaborar para esse desfecho. Afinal, ao longo dos últimos 10 anos a oferta desse alimento tem aumentado ininterruptamente, crescendo a sua disponibilidade interna *per capita* apesar do avanço simultâneo das exportações. De janeiro a novembro últimos, a Associação Brasileira de Produtores de Pintos de Corte (Apinco) contabilizou uma produção de carne de frango da ordem de 3,1 milhões de toneladas, nível recorde e 8% acima do obtido no mesmo período de 1993.

Mais importante ainda é verificar que a capacidade ociosa média desse setor, desde janeiro, não passou de 4,9%, tendo ficado em praticamente 4% entre julho e novembro. No caso de chegar-se ao final do ano com a média de ociosidade próxima a 5%, ter-se-á atingido o nível anual historicamente mais elevado de utilização da capacidade, suplantando inclusive o até então inédito patamar de 8,7% registrado em 1987. Apenas não se terá chegado às ociosidades mensais de 2,8% e -1,3%, registradas respectivamente em novembro e dezembro de 1986, quando a demanda anormal gerada pelo Plano Cruzado levou o setor a aumentar o rendimento das reprodutoras, mantendo-as em produção além do tempo normal e ideal.

IRENE RAGUENET TROCCOLI